

O papel da representação social na construção da identidade adolescente

Autor(a): Virgínia Cavalcanti Pinto – Professora do curso de psicologia da Faculdade Maurício de Nassau. Recife – PE.

Co-autores: Welison Sousa – Aluno do curso de psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes. Maceió – AL.

Mônica Saemi – Aluna do curso de psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes. Maceió – AL.

Endereços eletrônicos:

giniapinto@yahoo.com.br

welisonls@gmail.com

japinha.fits@hotmail.com

1. Identidade e representação social.

O presente trabalho se constituiu a partir de uma pesquisa realizada na cidade de Maceió – AL, na comunidade de Santo Onofre/São Rafael, no ano de 2008. O objetivo desta investigação versou sobre compreender como a representação social sobre o que é ser adolescente é construída na comunidade citada, bem como esta compreensão afeta a construção da identidade do adolescente desta localidade.

Segundo Papalia (2006), a construção do indivíduo está completamente imbricada ao ambiente no qual ela se desenvolve. Assim, falar sobre o ser humano, e mais particularmente sobre o adolescente, implica perceber o ambiente e as relações que o circundam, o amparam e falam sobre ele mesmo.

A perspectiva de construção da identidade adotada neste trabalho entende a mesma como um evento que acontece no desenrolar de um processo, não se constituindo, então, como uma positividade, como algo pronto ou simplesmente acabado. Ao contrário, trata-se de uma constante possibilidade de se colocar no mundo, significando e resignificando sua compreensão sobre si mesmo. Entretanto, este olhar reflexivo sobre a identidade recebe influências, de caráter interpessoal, que tentam conceituá-la, atribuindo a mesma uma nomeação específica.

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.

(SILVA, 2000. p.84)

Além disso, é importante pontuar que a identidade é construída sob a influência de diversos fatores, dentre os quais, merecem destaque os fatores sociológicos, psicológicos, cognitivos e culturais. Estes fatores se imbricam e produzem as possibilidades de desenvolvimento dos adolescentes em questão. Aliás, seria bastante simplório reduzi-los a fixações de identidade existentes no imaginário comum: “aborrecentes”, transgressores, rebeldes, intolerantes, esquisitos, dentre outras denominações. Denominá-los de uma conceituação estanque é, além de uma

necessidade de contingência de sentido, uma atitude aprisionadora do que realmente esse jovem possa vir a ser. A bem da verdade, não se pode desprezar o fato de que a identidade também se constitui a partir das representações que um grupo ou sociedade possui em torno da mesma.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

(SILVA, 2000. p. 17)

A representação social para Jacques (2008) trata dos saberes produzidos em sociedade e que, a nosso ver, são capazes de produzir marcas, positivas ou não, sobre um indivíduo ou grupo de pessoas e afetam a forma como as mesmas percebem a si próprias. Entretanto, não se trata da existência de um código escrito que contenha as impressões das pessoas, ao contrário, pois segundo Guareschi (1996), as representações sociais existem, mas não podem ser vistas, elas influenciam sem que se possa se aperceber disso.

Deste modo, entender como as pessoas da comunidade Santo Onofre/ São Rafael percebem o ser adolescente é de suma importância para entender com estes jovens captam estas referências deixando-se afetar por estas na construção de suas identidades, já que o Outro na relação com o adolescente assume um papel de extrema importância nesta fase específica do desenvolvimento.

2. A adolescência

Teóricos desenvolvimentistas, como Papalia e Erikson, apontam a fase da adolescência como o período de maior conturbação dentro do desenvolvimento humano, no que diz respeito à construção da identidade. Isto se dá uma vez que a adolescência é um momento de transição na vida do indivíduo, em que este deixa de ser criança, e precisa vivenciar as perdas dos privilégios da infância, mas também ainda não é um adulto que pode responder completamente por si mesmo de forma autônoma. Assim, o adolescente é um sujeito que está “entre” duas etapas distintas da vida, numa atmosfera em que não se é mais cultuado e também não atingiu um grau de maturidade que é esperada socialmente.

Erikson (1987) ao propor sua Teoria do Desenvolvimento Psicossocial apontou a fase da adolescência como sendo a quinta crise vivenciada pelo ser humano em seu desenvolvimento. Neste estágio específico a crise em questão confronta a *identidade versus a confusão de papéis*. Para o referido autor a construção da identidade adolescente é um processo que se dá a partir da observação e da releitura de identificações anteriores, ou seja, o adolescente não copia um modelo de conduta de alguém, mas modifica, questiona, descarta, acrescenta e reconstrói para se constituir como sujeito.

A adolescência possui a peculiaridade de ser a fase em que o sujeito está se percebendo como integrante de um mundo social, preenchido de estímulos, pessoas, vontades, desejos, escolhas, regras e normas que vão influenciar sua forma de perceber o mundo, se posicionar no mesmo e aprender o que ele dispor, mediante as relações construídas pelo adolescente neste processo de aprendizagem.

Outro aspecto relevante da adolescência é que a necessidade por “se relacionar com” se torna uma realidade mais elaborada e, assim, o jovem passa a ser um canal aberto à circulação de idéias e interesses. Nesta fase, o adolescente precisa do outro para construir sua identidade, precisa de uma referência que esteja fora dele para que o mesmo possa se perceber como sujeito diferenciado e, ao mesmo tempo, precisa também se sentir aceito socialmente para construir seu sentimento de pertença a um grupo e aliviar a angústia de estar nesse momento “entre” do desenvolvimento humano.

Entretanto, a busca por esta aceitação social costuma ocorrer pela constituição de grupos onde seus membros compartilham de diversas afinidades, como: vestimentas, formas de se expressar e atitudes, dentre outros aspectos. Assim, as referências de identificação costumam estar fora da realidade cotidiana. Isto não quer dizer que os pais dos adolescentes não possam se constituir como tais para estes jovens, mas o fato é que até chegar a esta fase o jovem tinha, quase que exclusivamente, as orientações do lar como único caminho a ser seguido e agora, com sua relativa autonomia, as relações exteriores à casa são não só uma conquista, mas uma necessidade.

A relação com os pais se modifica nesta fase da vida, especialmente com a diversidade de constituições familiares que encontramos na atualidade e, apesar desta diversidade não ser o foco em questão, é importante dizer que a comunicação entre pais e filhos dentro deste universo de possibilidades é tema de bastante interesse para os que lidam com esta clientela específica, sobretudo, para os sociólogos, psicólogos e educadores.

As reconfigurações familiares mexem com os papéis, instituídos socialmente, de seus integrantes, podendo afetar a forma como pais e filhos se comunicam. De acordo com Osório (1996), as famílias reconstituídas são estruturas familiares que trazem uma nova realidade vivencial e o estabelecimento de vínculos que não estão propostos na família de corte tradicional. Estas novas possibilidades de configuração passam a exercer diferentes papéis daqueles já estabelecidos em vivências anteriores.

Os novos arranjos familiares permitem um novo tipo de nomenclatura e uma nova possibilidade de associação. Os novos vínculos estabelecidos trazem consigo uma possibilidade de vivenciar novas experiências sócio-culturais, bem novas formas de comunicação entre seus membros, trazendo à tona as possibilidades de inserção e de apropriação dos pactos estabelecidos para o bom relacionamento da unidade familiar.

No imaginário social os pais são os protetores, os heróis da infância, a única referência e agora, na adolescência, eles cedem espaço a outras figuras de relação, sobretudo aos amigos do jovem, isto não significa, no entanto, que os pais tenham sido esquecidos ou excluídos do processo de construção da identidade adolescente, como se pode perceber a seguir:

Os adolescentes passam mais tempo com os amigos e menos tempo com a família. Entretanto, os valores fundamentais da maioria dos adolescentes permanecem mais parecidos com os de seus pais do que geralmente se percebe. Mesmo quando os adolescentes buscam a companhia e a intimidade com seus pares, procuram nos pais uma “base segura” da qual possam experimentar suas asas (Papalia, Olds e Feldman, p. 493. 2006)

Assim, ao contrário do que os desenvolvimentistas pensavam inicialmente, esta busca pela identidade num ambiente social “fora de casa” não era necessariamente uma manifestação de rebeldia, até poderia ser em alguns casos, mas tratava principalmente da própria construção da autonomia adolescente que com sua criticidade optava por conhecer novas possibilidades para o seu desenvolvimento.

Neste processo de construção da identidade e aquisição de autonomia, a relação dos adolescentes com seus pais sofre alguma instabilidade pela comum existência de ruídos neste diálogo, sobretudo no que diz respeito à contradição de idéias e possíveis conflitos de geração entre eles.

Aos adolescentes cabe assumir um papel desbravador e conquistador, especialmente do que eles costumam chamar de liberdade. Esta, por sua vez, traduz-se, entre outros fatores, pela posse de maior privacidade, autonomia sobre si mesmo nas saídas com amigos e de poder de decisão. Esta postura independente se apresenta como um dado novo para os pais destes adolescentes que até então estavam acostumados a lidar com o filho da infância: aquele que acatava o que lhe era dito e sobre o qual o poder parental era absoluto.

Diante desse contexto, porém, os filhos apresentam argumentações, discordâncias e outros pontos de vista que reflete, para seus pais, seu amadurecimento e sua constituição num novo sujeito, aquele em processo de apropriação de si mesmo. E, como em toda nova realidade, isto causa estranhamento a estes pais que vêem o seu “poder” sobre os filhos, ameaçado e, além disso, temem perder o lugar de importância na vida destes, pois os mesmos já não dependem dos pais e das mães integralmente. De certo modo isto é assustador para os pais.

Assim, o mundo do adolescente se expande, ultrapassa a família, a convivência com iguais, recebe informações variadas de outras pessoas, da escola, de outros contextos, da mídia e da internet e tudo isso será ferramenta para a construção de sua identidade.

3. O percurso da pesquisa empírica

3.1. O recorte de investigação:

Comunidade Santo Onofre/ São Rafael, localizada na cidade de Maceió – AL. É uma comunidade pobre, em que as condições urbanísticas como saneamento e moradia são muito básicas. As famílias em questão apresentam-se em vulnerabilidade social, contudo diante destes desafios estruturais e sociais, percebe-se uma mobilização dos moradores da área em busca de melhores condições de vida.

A articulação da comunidade, através da figura do líder comunitário, viabilizou o processo de formação de uma associação de moradores, que possibilita aos mesmos uma melhor organização de atividades, sendo um lócus de discussão e debates sobre as reais necessidades dessa população. Uma das ações realizadas pelo grupo foi a organização de trabalhos manuais na perspectiva de obtenção de renda, atribuindo também uma ocupação para aqueles que se encontravam fora do mercado de trabalho, bem como o resgate da cidadania perdida por alguns.

Os grupos religiosos também têm um papel de suma importância para a socialização e participação dos indivíduos, possibilitando um maior entendimento sobre os processos sociais e a busca pela efetivação dos direitos dentro de um processo de emancipação social.

3.2 Os participantes da pesquisa.

Foram entrevistados 60 adolescentes, 30 jovens de cada sexo. A faixa etária variou entre 15 e 20 anos. A escolha pela referida faixa se deu porque as características da puberdade já estavam estabelecidas e porque se esperava que houvesse uma ruptura maior com o estado da infância, considerado agora como uma fase anterior do desenvolvimento.

3.3. Instrumento de pesquisa:

Esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, em que foi utilizada uma entrevista semi-estruturada que de acordo com Tanaka e Melo, 2001 nem todas as perguntas elaboradas são utilizadas durante a realização da entrevista, podendo-se introduzir outras questões que surgem de acordo com o que acontece no processo em relação às informações que se deseja obter. Assim, foram trabalhadas questões que versavam sobre aspectos que pudessem tratar da construção da identidade adolescente, como: relação com pais e amigos, perspectivas sobre futuro, escolarização, sexualidade e representação social sobre a adolescência, deixando sempre uma margem para assuntos e temas trazidos pelos sujeitos da pesquisa e que emergiam na situação de entrevista.

As entrevistas foram divididas em três partes: a primeira destinada a uma breve estruturação do perfil da população, apontando aspectos como: sexo, religião e orientação sexual, entre outros. A segunda ao trato da vivência do que é ser adolescente na contemporaneidade e a terceira à caracterização do que eles entendem como sendo direitos e deveres, nesta fase específica do desenvolvimento.

3.4. Procedimento de coleta de dados:

A coleta de dados foi realizada mediante visita à comunidade em questão. Os jovens eram abordados livremente e questionados sobre a possibilidade de participar da pesquisa, depois o objetivo da mesma era explicado e o adolescente era convidado a assinar um termo de consentimento livre e esclarecido que garantia, inclusive, o resguardo de sua identidade, antes de dar início à entrevista.

3.5. Procedimento de análise de dados:

Para a realização da análise era necessário adotar um método, este aqui entendido como: *uma escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos (Richardson, 2008. pg 70)*. Entretanto, esta leitura não foi de todo fácil diante da diversidade de informações colhidas. Assim, foi necessário utilizar o recurso da categorização:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classe, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro) sob um título genérico.

(Minayo, 1999. p. 117)

As entrevistas foram lidas e relidas, analisadas em seu conteúdo (Minayo, 1999), tentando captar o máximo possível às intenções, sentimentos, crenças e desejos dos participantes, tanto os explícitos quanto aquilo que estava nas entrelinhas do que estava sendo comunicado. Sem perder a consciência de que essa análise seria sempre uma aproximação e, como tal, incompleta.

3.6. Análise de dados:

Após definir e explorar o material de análise as falas foram “ouvidas” tentando entender o que elas queriam dizer, considerando não apenas o que era dito literalmente, mas aquilo que, talvez, nem os próprios adolescentes tivessem consciência de que estavam comunicando. A todo o momento se recorria à teoria que embasava o trabalho.

Os resultados obtidos revelaram um baixo grau de elaboração, percebido através das respostas dadas. Isto se deve ao fato da precária educação recebida por eles, tanto em relação à escolarização quanto ao ambiente sócio-familiar. A comunidade de Santo Onofre/ São Rafael não possui uma escola em sua localidade o que resulta na pouca adesão ao processo educacional e, em alguns casos, na evasão escolar.

A idéia que os adolescentes têm sobre a adolescência limita-se a execução de comportamentos, como sair, namorar, etc. E, além de abordarem suas adolescências, os jovens comentam sobre a representação social que a comunidade em questão possui a respeito deles. Esta representação é, em sua maioria, negativa, uma vez que a comunidade não consegue perceber a potencialidade existente neste grupo etário. Assim, rotulam-os de desordeiros, desocupados, irresponsáveis, trazendo a dificuldade de comunicação intergeracional. Na verdade, a inexistência de incentivo a estes jovens na comunidade contribui para a instalação desta percepção imutável e para a impossibilidade dos próprios adolescentes se apropriarem como sujeitos de sua ação no mundo.

Nesta comunidade, os jovens ou estão na escola ou estão ociosos na maior parte do tempo. Esse tempo “livre” dá margem para uma má representação sobre o adolescente nesta localidade. Neste sentido, alguns jovens declaram-se tal como as pessoas fazem referência e assim, a representação social acaba denominando a identidade dos sujeitos em questão.

Outro aspecto relevante tratado nesta pesquisa diz respeito às relações estabelecidas entre os adolescentes e seus amigos, bem como entre eles e seus pais ou responsáveis. Quanto aos amigos, os entrevistados apontam a superficialidade das relações, ou seja, para os adolescentes as amizades são companhias para fins específicos, como sair, se divertir e conversar e não pessoas em quem se possa confiar verdadeiramente. Este posicionamento contraria, em parte, o que a literatura afirma existir na relação entre jovens, já que segundo os autores desenvolvimentistas, por exemplo, os adolescentes apresentam um forte sentimento de interdependência entre seus pares. Na verdade os amigos ganham um papel de importância bem diferenciado nesta fase do desenvolvimento, alternando-se, por exemplo, com o lugar ocupado inicialmente pelos pais.

Em relação aos pais, os adolescentes afirmaram, em sua maioria, que eles sim são os verdadeiros depositários de confiança, mas, ao mesmo tempo se contradizem ao confirmar o fato de não revelarem intimidades aos seus pais, especialmente em relação a assuntos relacionados à sexualidade.

Percebeu-se também que para os jovens em questão não há significativas diferenças entre direitos, deveres e responsabilidades. Os direitos são entendidos como tudo o que se relaciona a liberdade e esta, por sua vez, a tudo o que pode ser feito sem a constante vigilância dos pais. Os deveres e responsabilidades são entendidos como sendo a mesma coisa e versam, de acordo com os entrevistados, sobre afazeres diários, responsabilidades domésticas, como carregar lixo ou varrer uma casa.

Esta visão simplista de conceitos tão pertinentes à construção da identidade ainda indica a baixa expectativa que estes jovens têm em relação ao futuro, seja este pessoal ou profissional. E, tratando de profissão, é importante citar que os entrevistados percebem a profissionalização como algo muito distante da realidade presente e dizem preferir profissões em que o sucesso e o reconhecimento social apareçam de imediato, como ser um cantor famoso ou um jogador de futebol importante.

Nenhum dos entrevistados, mesmo aqueles com 20 anos, possuía expectativas de emprego e, pensar numa qualificação para ter uma formação profissional soava como um projeto que não faz parte da realidade que eles compartilham.

3.7. Considerações finais:

Diante de tudo o que foi exposto percebe-se que a construção da identidade adolescente é um processo que está diretamente ligado ao contexto sócio-cultural no qual ele está inserido. Isto não significa que o meio seja o determinante – no sentido rígido da palavra – da configuração de uma identidade, mas ele é sim um forte contingente para que esta identidade se constitua.

O processo de aproximação com essa realidade específica nos fez analisar que a constituição da identidade faz menção a um contexto que vai além de espaços da vida cotidiana. Esse adolescente precisa ser visto dentro de uma perspectiva de totalidade social para assumir sua posição de sujeito no mundo.

A diferenciação e a exclusão destes jovens, vivenciados dentro da própria comunidade, contribuem para a falta de compromisso dos adolescentes com o conhecimento de seus deveres, ficando seus direitos relegados à falta de informação. É mister uma postura diferenciada dos diversos atores sociais que fazem parte da compreensão dos determinantes que facilitam o exercício da cidadania e a apropriação de si mesmo, tornando as possibilidades de ser uma realidade e não um desejo longínquo.

Referências Bibliográficas

ERIKSON, E. H. e ERIKSON, J. O ciclo da vida completo, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GUARESCHI, P. Representações Sociais: alguns comentários oportunos. Revista Coletâneas da ANPEPP n.10, vol.1, set., 1996, p. 9-39.

JACQUES. Maria da Graça Corrêa (et al.). Psicologia Social Contemporânea: livro-texto. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

OSÓRIO, L. C. Família hoje. Porto Alegre Artes médicas, 1996.

PAPALIA, D. OLDS, S e FELDMAN, R. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RICHARDSON, R. J. Perspectiva Social: métodos e técnicas Atlas. S.P. 2008.

SILVA, T. T. (org.), HALL, S. WOODWARD, K. Identidade e diferença; a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ:Vozes, 2000.

TANAKA, O. Y.; MELO, C. Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente: um modo de fazer. São Paulo : Edusp, 2001.